

SINERGIAS ENTRE AUTOAVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS

*IV Seminário MAEE e II Seminário
Internacional Mecanismos de Mudança
nas Escolas e na Inspeção*

LIVRO DE RESUMOS

26 E 27 DE NOVEMBRO | 2021

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

AUDITÓRIO DO COLÉGIO ESPÍRITO SANTO



ÍNDICE

Apresentação.....	6
Comissão Organizadora	7
Comissão Científica	7
Programa.....	8
Conferências e Mesas Redondas	11
APRESENTAÇÃO DO PROJETO MECANISMOS DE MUDANÇA NAS ESCOLAS E NA INSPEÇÃO. UM ESTUDO SOBRE O 3.º CICLO DE AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS NO ENSINO NÃO SUPERIOR, EM PORTUGAL (MAEE)	12
LA NECESIDAD DE LA EVALUACIÓN (Y META-EVALUACIÓN) DE INSTITUCIONES EDUCATIVAS	13
APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA DE APOIO À AUTOAVALIAÇÃO DAS ESCOLAS (PAAE)	15
AUTOAVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO EXTERNA. O MODELO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA.....	17
PERCURSOS DE AUTOAVALIAÇÃO DE ESCOLAS.....	18
“A INSPEÇÃO NA AVALIAÇÃO EXTERNA: PORQUE SIM!... SE...”	20
APRESENTAÇÃO DE ALGUNS RESULTADOS DO PROJETO MAEE.....	21
AVALIAÇÃO EXTERNA EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	21
PONTOS FORTES E ÁREAS DE MELHORIA DA AUTOAVALIAÇÃO DAS ESCOLAS. UM OLHAR A PARTIR DOS RELATÓRIOS DE AVALIAÇÃO EXTERNA	21
ANÁLISE DO DESEMPENHO DAS ESCOLAS E OPINIÕES DE PROFESSORES NO DECORRER DO 3.º CICLO AVALIATIVO.....	21
ENTREVISTAS A AVALIADORES EXTERNOS: UMA LEITURA PRELIMINAR	22
A MINHA ESCOLA É INCLUSIVA?.....	23
Comunicações livres	24
AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS TÉCNICAS E PROFISSIONAIS: INOVAÇÕES EDUCACIONAIS.....	25
ALTERAÇÕES GERADAS PELA AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS	26

A INSPEÇÃO E A PRÁXIS NA AVALIAÇÃO EXTERNA: PERCEÇÕES DOS DIRETORES	27
AUTOAVALIAÇÃO DAS ESCOLAS DE ENSINO ARTÍSTICO: PERCEÇÕES E	28
AVALIAÇÃO EXTERNA E AUTOAVALIAÇÃO DA ESCOLA: A INEVITÁVEL SIMBIOSE	29
QUINZE ANOS AO SERVIÇO DA MELHORIA: EFEITOS E DESAFIOS DA AUTOAVALIAÇÃO NAS ESCOLAS PORTUGUESAS	30
(AD)MINISTRAR O CURRÍCULO SOB A ÉGIDE DA AVALIAÇÃO EXTERNA	31
PERFIL DO ALUNO E CIDADANIA: LEITURAS DA AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS	32
“CONVERGÊNCIAS ENTRE O QUADRO DE REFERÊNCIA DA AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS E OS NORMATIVOS” ¹	33
AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS DO INTERIOR DE PORTUGAL: UM PLANO DE INVESTIGAÇÃO	34
CONTRIBUTOS DA AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS NA IDENTIFICAÇÃO DE NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ¹	35
A AUTOAVALIAÇÃO NA AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS: FUNÇÃO FORMATIVA	36

Organização

Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora (CIEP-UE)
Universidade de Évora (UE)

Apoios

Fundação para a Ciência e Tecnologia

Apresentação

Este Seminário, que surge na continuidade de outros realizados no âmbito de um projeto de investigação em curso, financiado pela FCT – Mecanismos de mudança nas escolas e na inspeção –, visa constituir-se como espaço de divulgação, troca de experiências, debate de ideias e reflexão sobre temáticas relacionadas com a avaliação de escolas, mobilizando diversos profissionais da educação (investigadores, estudantes, professores de diferentes níveis de ensino, diretores de escolas/agrupamentos, inspetores, diretores de centros de formação, entre outros), que darão testemunho do seu pensamento, das suas práticas e da sua investigação.

O tema escolhido foi **Sinergias entre autoavaliação e avaliação externa de escolas** porque se pretende dar visibilidade a estes dois processos de natureza distinta, mas complementares, de relevância inquestionável no campo da eficácia e melhoria contínua das escolas. São estes processos que permitem o conhecimento das práticas que as escolas desenvolvem, a compreensão e análise dos modos como trabalham e se organizam pedagógica e curricularmente, fazendo desse conhecimento uma ferramenta de governação. Uma escola aprendente e curricularmente inteligente deve ser capaz de assegurar a sinergia entre a autoavaliação sistemática, que permite compreender os processos, explicitar os resultados e proceder a ações de melhoria, e a avaliação externa, que pode reforçar esse conhecimento, legitimando tomadas de decisão promotoras dessa melhoria.

A Comissão Organizadora deseja a todos um ótimo IV Seminário MAEE e II Seminário Internacional Mecanismos de mudança nas escolas e na inspeção!

Comissão Organizadora

Isabel Fialho (Presidente)

Ana Paula Correia

Helena Bruno

Hugo Rebelo

José Saragoça

Marcelo Coppi

Maria José Silvestre

Sílvia Nogueira

Sónia Gomes

Carlos Barreira

Filipa Seabra

José Augusto Pacheco

Comissão Científica

Isabel Fialho

Ana Mouraz

Ana Paula Correia

Almerindo Janela Afonso

Carlos Barreira

Filipa Seabra

José A. Pacheco

José Carlos Morgado

José Saragoça

Leonor Lima Torres

Maria da Graça Bidarra

Maria José Silvestre

Maria Piedade Vaz Rebelo

Marta Abelha

Sónia Gomes

Susana Henriques

Valentim Alferes

Programa

26 de novembro (sexta-feira)

14h45 – Abertura do secretariado

15h15 – Sessão de abertura

Ana Costa Freitas (Reitora da Universidade de Évora)

Isabel Fialho (Pres Comissão Organizadora/Centro de Investigação em Educação e Psicologia)

Ângela Balça (Diretora do Departamento de Pedagogia e Educação)

Maria Elisa Chaleta (Subdiretora da Escola de Ciências Sociais)

15h30 – Conferência

Apresentação do projeto Mecanismos de Mudança na Escola e na Inspeção (MAEE)

José A. Pacheco

Moderador: **José Saragoça**

16h – Conferência

Evaluación y metaevaluación de escuelas: el camino de la mejora.

Miguel Ángel Santos Guerra

Moderadora: **Isabel Fialho**

17h15 – **Pausa**

17h30 – Comunicações livres

18h45 – Final do primeiro dia

27 de novembro (sábado)

8h45 – Abertura do secretariado

9h15 – Comunicações livres

10h30 – Mesa redonda

Apresentação do PAAE (Programa de Apoio à Autoavaliação das Escolas)

Isabel Fialho (Coordenadora)

José Saragoça

Maria José Silvestre

Ana Paula Correia

Sónia Gomes

11h – Intervalo

11h30 – Conferência

Autoavaliação e Avaliação Externa. O modelo da Região Autónoma da Madeira

David Justino

Moderador: **José Saragoça**

12h45 – Almoço

14h15 – Mesa redonda

Percursos de Autoavaliação de Escolas

Natália Costa – Equipa de autoavaliação do Agrupamento de Escolas D. Dinis - Santo Tirso

Ana Paula Correia – Equipa de autoavaliação da Escola Secundária Poeta Al Berto

Moderador: **Sónia Gomes**

15h – Conferência

A Inspeção na avaliação externa: Porque Sim!...Se...

Jorge Morais

Moderadora: **Maria José Silvestre**

16h – Pausa

16h15 – Mesa Redonda

Apresentação de alguns resultados do projeto MAEE

José A. Pacheco

Isabel Fialho

Carlos Barreira

Filipa Seabra

Moderadora: **Ana Paula Correia**

17h30 – Conferência

A minha escola é inclusiva?

Luís Capela

Moderador: **José A. Pacheco**

18h15 – Encerramento

Momento Musical com “Cantares de Évora”

Comunicações Livres

26 de novembro de 2021 (17h30)

Local: Sala 115	Moderadora: Susana Henriques
Autores	Título
Amílcar Santos; José Augusto Pacheco & Vicente Aguiar Parreiras	AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS TÉCNICAS E PROFISSIONAIS: INOVAÇÕES EDUCACIONAIS
Ana Tomás; Susana Henriques & Marta Abelha	ALTERAÇÕES GERADAS PELA AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS – ESTUDO DE CASO
Paula Martins & Filipa Seabra	AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS DO INTERIOR DE PORTUGAL: UM PLANO DE INVESTIGAÇÃO

Local: Sala 124	Moderadora: Maria José Silvestre
Autores	Título
Rita Marques & Isabel Fialho	CONTRIBUTOS DA AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS NA IDENTIFICAÇÃO DE NECESSIDADES DE FORMAÇÃO
Arlete Nogueira	A INSPEÇÃO E A PRÁXIS NA AVALIAÇÃO EXTERNA: PERCEÇÕES DOS DIRETORES
Eduarda Rodrigues	QUINZE ANOS AO SERVIÇO DA MELHORIA: EFEITOS E DESAFIOS DA AUTOAVALIAÇÃO NAS ESCOLAS PORTUGUESAS

27 de novembro de 2021 (9h15)

Local: Sala 115	Moderador: Carlos Barreira
Autores	Título
Sofia Rodrigues & Ila Beatriz Maia	A AUTOAVALIAÇÃO NA AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS: FUNÇÃO FORMATIVA
Catarina Amorim; Maria da Graça Bidarra & Carlos Barreira	AUTOAVALIAÇÃO DAS ESCOLAS DE ENSINO ARTÍSTICO: PERCEÇÕES E ATITUDES DOS PROFESSORES
Conceição Lamela & José Carlos Morgado	AVALIAÇÃO EXTERNA E AUTOAVALIAÇÃO DA ESCOLA: A INEVITÁVEL SIMBIOSE

Local: Sala 124	Moderadora: Marta Abelha
Autores	Título
Maria Helena Álvaro & Filipa Seabra	PERFIL DO ALUNO, CIDADANIA E FLEXIBILIDADE CURRICULAR: LEITURAS DA AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS
Marília Dias & Isabel Fialho	CONVERGÊNCIAS ENTRE O QUADRO DE REFERÊNCIA DA AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS E OS NORMATIVOS ATUAIS
Eliane Moreira Marques & Filipa Seabra	(AD)MINISTRAR O CURRÍCULO SOB A ÉGIDE DA AVALIAÇÃO EXTERNA



SINERGIAS ENTRE AUTOAVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS

*IV Seminário MAEE e II
Seminário Internacional
Mecanismos de Mudança
nas Escolas e na
Inspeção*

CONFERÊNCIAS E MESAS REDONDAS



APRESENTAÇÃO DO PROJETO MECANISMOS DE MUDANÇA NAS ESCOLAS E NA INSPEÇÃO. UM ESTUDO SOBRE O 3.º CICLO DE AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS NO ENSINO NÃO SUPERIOR, EM PORTUGAL (MAEE)

José Augusto Pacheco, Universidade do Minho, jpacheco@ie.uminho.pt



Resumo

Face à implementação do 3.º ciclo de avaliação externa das escolas de ensino não superior (2018-2022), o projeto de centra-se no estudo dos mecanismos de mudança trazidos pela ESE e o seu impacto nas práticas escolares, nas perceções da comunidade educativa e nas práticas da Inspeção-Geral de Educação e Ciência (IGEC). Mais especificamente, o objeto de investigação diz respeito aos: i) mecanismos de mudança decorrentes do 3.º ciclo da avaliação externa das nas escolas, a nível curricular, pedagógico e organizacional; ii) mecanismos de mudança que afetam a Inspeção, no quadro das políticas nacionais e transnacionais.

Nota biográfica

É licenciado em História e Doutoramento em Educação, especialidade de Desenvolvimento Curricular, pela Universidade do Minho. É professor Catedrático do Instituto de Educação da Universidade do Minho. As suas áreas de investigação são Teoria Curricular, Políticas Educativas e Curriculares, Formação de Professores e Avaliação. É investigador do Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho, com projetos financiados pela Fundação Ciência e Tecnologia. É Coordenador do Projeto de Investigação aprovado e financiado pela FCT, para 2018-2021, Mecanismos de mudança nas escolas e na inspeção. Um estudo sobre o 3.º ciclo de Avaliação Externa de Escolas no Ensino Não Superior, em Portugal (PTDC/CED-EDG/30410/2017), do Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho.

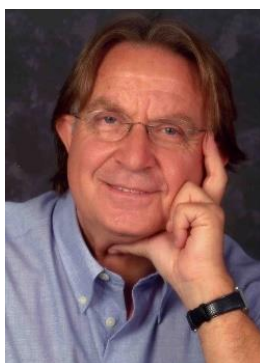
Foi membro do Conselho Nacional de Educação; Membro do Senado da Universidade do Minho; Presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências Educação. Foi Visitar Scholar (The University of British Columbia, Vancouver) e Bolsista CAPES/Brasil (Universidade Federal de Santa Catarina). É autor e editor de vários livros nacionais e internacionais, bem como de capítulos de livros, artigos nacionais e internacionais e tem apresentado comunicações em diversos eventos académicos.

Tem sido responsável pela coordenação de vários projetos de ensino de nível de licenciatura, mestrado e doutoramento em Portugal, Cabo Verde e Timor-Leste. Tem uma vasta experiência de orientação de trabalhos académicos, incluindo dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Tem coordenado projetos de cooperação e desenvolvimento em países de língua oficial portuguesa, concretamente em Cabo Verde, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Timor-Leste.

É membro, em representação de Portugal, do Conselho Consultivo da Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, Ciência e Cultura.

LA NECESIDAD DE LA EVALUACIÓN (Y META-EVALUACIÓN) DE INSTITUCIONES EDUCATIVAS

Miguel Ángel Santos Guerra, Universidad de Málaga (España), arrebol@uma.es



Resumo

Objetivo general de la sesión

Reflexionar sobre la necesidad y la importancia de la evaluación y de la metaevaluación institucional haciendo hincapié en estos cuatro elementos: ÉTICA, RIGOR, APRENDIZAJE Y MEJORA.

Objetivos específicos

- a) Reflexionar sobre el complejo y repetido fenómeno de la evaluación (y el menos practicado de la metaevaluación).
- b) Comprender las dimensiones técnicas y éticas del proceso evaluador.
- c) Analizar las patologías más frecuentes que afectan al proceso de evaluación.
- d) Proponer estrategias para la mejora de la evaluación y de la metaevaluación.
- e) Conocer los principales problemas, institucionales y personales, que dificultan la mejora.
- f) Descubrir las dimensiones éticas de la metaevaluación.

Contenidos de la sesión

Abordaré diez exigencias para la comprensión del concepto y para la realización de procesos de evaluación y metaevaluación.

- Primera exigencia: finalidad
- Segunda exigencia: concepto
- Tercera exigencia: Iniciativa
- Cuarta exigencia: contexto
- Quinta exigencia: método
- Sexta exigencia: ética
- Séptima exigencia: negociación
- Octava exigencia: poder
- Novena exigencia: mejora
- Décima exigencia: aprendizaje

Plantearé también los peligros que acechan al buen desarrollo del proceso de evaluación desde su inicio hasta su cierre.

Metodología

- a) Realizaremos algunas actividades prácticas, tomadas de mi libro "Ideas en acción. Ejercicios para la enseñanza y el desarrollo emocional" (Ed. Homo Sapiens, 2017).
- b) En las sesiones se alternará la exposición, la participación de los asistentes y la realización de los ejercicios.

Nota biográfica

Miguel Ángel SANTOS GUERRA, leonés de nacimiento y malagueño de adopción, es Doctor en Ciencias de la Educación por la Universidad Complutense y Catedrático Emérito de la Universidad de Málaga. Es también Diplomado en Psicología por la Universidad de Boston y en Cinematografía por la Universidad de Valladolid. Ha sido profesor en todos los niveles del sistema educativo: maestro de Primaria, profesor de Bachillerato y profesor de la Universidad Complutense y de otras universidades españolas y extranjeras, entre ellas la UNED.

Fue Director de un centro educativo en Madrid (del que ha sido declarado Director Emérito el 25 de septiembre de 2019), del Departamento de Didáctica y Organización Escolar, en dos ocasiones, y del Instituto de Ciencias de la Educación de la Universidad de Málaga. Fue miembro del Consejo Social de la ciudad de Málaga y Consejero de la OCU. Es miembro de Honor del Consejo de Protección de la Infancia (que le rindió homenaje en el año 2017) y de la Dirección General de Prevención de Drogadicción. Perteneció al Consejo Escolar de Andalucía como profesional de reconocido prestigio. En 2015 recibió la Medalla de Oro del Ateneo de Málaga. Fue declarado Guía e inspirador en el 40º aniversario de FAPACE. El 22 de diciembre de 2020 recibió el Premio "Personas que dejan huella. Por su contribución al bienestar emocional de América Latina", concedido en Santiago por la Fundación Liderazgo Chile.

Ha escrito numerosos libros (80 como autor único o coordinador) y numerosísimos artículos en revistas especializadas y capítulos de libros sobre organización escolar, evaluación educativa, dirección escolar, participación, género y formación del profesorado. Es autor de 89 prólogos de libros para otros autores y autoras, algunos de los cuales han sido publicados por Homo Sapiens con el título "Pase y lea. Prólogos para libros sobre educación".

Ha dirigido 31 tesis doctorales en universidades españolas y extranjeras, distinguidas en su mayoría con la calificación de sobresaliente cum laude. Algunas de ellas han merecido el premio extraordinario.

Ha impartido conferencias, cursos y seminarios en diversos países de América Latina: Chile, México, Argentina (país en el que ha visitado 132 ciudades diferentes en, al menos, una ocasión), Colombia, Venezuela, Bolivia, Santo Domingo, Uruguay, Brasil, Ecuador... También ha impartido conferencias en países de lengua portuguesa como Brasil, Portugal y Mozambique,

Ha recibido numerosos premios por sus escritos (Carmen de Burgos en dos ocasiones, Ateneo-Universidad de Málaga, Fundación del Hogar del Empleado...) y por sus trabajos de investigación. Fue columnista del periódico Sur durante 10 años. Desde 2004 escribe, cada sábado, en el periódico La Opinión de Málaga. Es colaborador de numerosas revistas nacionales y extranjeras, pertenece Consejo Editorial de algunas de ellas y dirige varias colecciones educativas. Es Padrino Pedagógico de diez escuelas argentinas situadas en las provincias de Santa Fe (4), Mendoza (3), Jujuy, San Luis y San Juan. Es también padrino del Colegio "Le Monde School", del Colegio La Victoria y de una escuela en la Comuna de Pirque (en Santiago de Chile). Ha sido declarado Huésped de Honor y Visitante Ilustre de varias ciudades argentinas, mejicanas y chilenas. El Consejo Deliberante de la Ciudad de Santa Fe, en un acto solemne, le hizo entrega en 2018 de la distinción de Visitante Destacado.

APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA DE APOIO À AUTOAVALIAÇÃO DAS ESCOLAS (PAAE)

Isabel Fialho, Universidade de Évora, ifialho@uevora.pt

José Saragoça, Universidade de Évora, jsaragoça@uevora.pt

Maria José Silvestre, CFAE Beatriz Serpa Branco, beatrizserpabranco@gmail.com

Ana Paula Correia, Escola Secundária Poeta Al Berto, anapaula.correia@es-al-berto.com

Sónia Gomes, Centro de Investigação em Educação e Psicologia, scsdgomes@gmail.com



Resumo

O Programa de Apoio à Autoavaliação das Escolas (PAAE) surge da intenção de uma equipa de investigadores do Centro de Investigação em Educação e Psicologia (CIEP) da Universidade de Évora apoiar as escolas na construção ou consolidação dos seus processos de autoavaliação institucional. Este apoio visa contribuir para o desenvolvimento organizacional e a melhoria da qualidade dos serviços prestados pelas escolas, estando alicerçado nos conhecimentos adquiridos pela participação desta equipa em diversos projetos, estudos e prestações de serviços nas escolas,

O PAAE constitui uma área de intervenção do ObservES (Observatório da Educação do Sul), uma estrutura destinada a criar sinergias interinstitucionais, envolvendo escolas/agrupamentos, Institutos Politécnicos e Centros de Formação de Associação de Escolas, e a intervir em diferentes áreas da organização e gestão, prestação do serviço educativo e autoavaliação institucional.

Ainda que a Lei n.º 31/2002, de 20 de dezembro – Lei do Sistema de Avaliação da Educação e do Ensino não Superior –, tenha atribuído à autoavaliação um carácter obrigatório e permanente, a investigação dá conta de que foi o Programa de Avaliação Externa das Escolas (AEE) – iniciado em 2006, com a sua fase piloto e atualmente no seu terceiro ciclo –, que sensibilizou as escolas para a autoavaliação e tem imprimido algum ritmo e intencionalidade aos processos. Entre avanços e recuos, as escolas têm dado forma à autoavaliação, mas, não raras vezes, com manifestações claras de que não se sentem capazes de implementar uma autoavaliação ao serviço do desenvolvimento organizacional e da melhoria da qualidade.

Muitas escolas procuram apoio e orientações para organizar e implementar um sistema de autoavaliação. Daí a importância deste Programa, com o qual se pretende desenvolver um conjunto diversificado de ações e disponibilizar instrumentos e ferramentas que respondam aos interesses e necessidades de cada escola/agrupamento, no sentido de poderem construir e implementar um sistema de autoavaliação à sua medida. Assim, este Programa contempla uma oferta diversificada de serviços, que inclui diferentes tipologias de formação, disponibilização e/ou validação de instrumentos e ferramentas para recolha de dados, apoio na elaboração do plano de autoavaliação e de planos de melhoria.

Notas biográficas

Isabel Fialho é Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora. É docente do Departamento de Pedagogia e Educação e membro integrado do Centro de Investigação em Educação e Psicologia (CIEP-UE). Leciona em cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento na área das Ciências da Educação. Tem participado em projetos de investigação nacionais e internacionais, na área da avaliação de escolas, avaliação de aprendizagens, práticas inclusivas, sucesso académico, com publicações nessas

áreas. Tem realizado, assessorias, estudos e formação em Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau, nas áreas de avaliação e inspeção educacional. Participa como perita em programas nacionais do Ministério da Educação: Avaliação Externa das Escolas (desde 2007) e “Territórios Educativos de Intervenção Prioritária” (desde 2015). Coordena a equipa da Universidade de Évora do projeto MAEE.

José Saragoça é Professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora, onde leciona Sociologia da Educação e Sociologia Prospetiva. É Presidente à Assembleia da Escola de Ciências Sociais e dirige o Curso de 1.º Ciclo em Sociologia nesta universidade. É perito da Inspeção-Geral da Educação e Ciência (IGEC), no âmbito do Programa de Avaliação Externa de Escolas, e da Agência Nacional Erasmus+, na avaliação de candidaturas KA2. Tem participado em projetos de investigação apoiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia nos domínios da educação (entre eles a avaliação externa de escolas) e coordenado projetos de consultoria na área da educação, em Portugal, Angola e Guiné-Bissau.

Maria José Silvestre é Doutora em Ciências da Educação (Tese defendida em 2013, intitulada «Avaliação das escolas. Avaliação nas escolas», pela Universidade de Évora. Atualmente é Diretora do Centro de Formação de Associação de Escolas Beatriz Serpa Branco, tendo desempenhado diversos cargos pedagógicos e de gestão, ao longo de 4 décadas de atividade profissional. Foi formadora de professores, no âmbito da formação contínua e docente Auxiliar Convidada da Universidade do Algarve – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – em 2014/2015. É autora e coautora de artigos em revistas com arbitragem científica e de capítulos de livros e investigadora do Centro de Investigação em Educação e Psicologia (CIEP) – Universidade de Évora, tendo colaborado como arguente em Provas de Dissertação de Mestrado.

Ana Paula Correia é Doutorada em Ciências da Educação pela Universidade de Évora. É docente do ensino secundário e investigadora do Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora (CIEP-UE). É formadora de professores nas áreas da avaliação de escolas, avaliação de desempenho de docentes, avaliação das aprendizagens e supervisão pedagógica. Foi docente colaboradora da Universidade Aberta, no Curso de Profissionalização em Serviço, entre 2007 e 2020. É autora e coautora de diversas publicações (capítulos de livros, artigos em revistas com arbitragem científica), no domínio da Educação. Tem participado em projetos de investigação nacionais -apoiados pela FCT- no domínio da avaliação externa de escolas e realizou como perita, assessorias em projetos internacionais nas áreas de Estudo e Avaliação e Inspeção Educativa (Projeto FEC-UE).

Sónia Gomes é Doutorada em Ciências da Educação pela Universidade de Évora (2015). Licenciada em matemática, ramo educacional, com pós-graduação e formação especializada em educação especial, domínios cognitivo e motor. Experiência como docente de matemática nos 3.º ciclo do ensino básico e secundário; como docente de educação especial na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário; na gestão/coordenação de projetos e de equipas de trabalho; e na gestão e administração escolar. Investigadora do CIEP-UÉ desde 2015, com participação em projetos de investigação e multifacetadas. Autora e coautora de diversas publicações no domínio da Educação.

AUTOAVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO EXTERNA. O MODELO DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

David Justino, Universidade Nova de Lisboa, jdjustino@gmail.com



Resumo

A particularidade de a Região Autónoma da Madeira exercer a competência exclusiva de concepção e implementação das políticas educativas permitiu que a construção de um modelo próprio de autoavaliação e de avaliação externa das escolas usufrísse da experiência observada no Continente e da reflexão sobre os princípios, objetivos e processos mais adequados à região e às características das suas escolas. O modelo assenta na trilogia *recursos – processos – resultados* e na interação dinâmica entre autoavaliação e avaliação externa. Esta comunicação explorará o desenvolvimento destes princípios através da sistematização das variáveis e indicadores para cada um dos pilares da trilogia. A implementação do modelo foi planeada em estreita colaboração com as escolas e acompanhada de um plano de formação de professores e dirigentes. Esta iniciativa foi decisiva para concretizar o princípio da interação dinâmica entre autoavaliação e avaliação externa.

Nota biográfica

Licenciado em Economia, pós-graduado em História Económica e Doutorado em Sociologia, é atualmente Professor Catedrático do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e investigador do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, onde coordena vários projetos de investigação na área da educação e da sociologia histórica.

Recebeu o Prémio Gulbenkian de Ciência 1987 (Ciências Sociais e Humanas) pela sua obra *A Formação do Espaço Económico Nacional. Portugal 1810-1913* e o Prémio Grémio Literário 2017 pela publicação de *Fontismo. Liberalismo Numa Sociedade Iliberal*.

PERCURSOS DE AUTOAVALIAÇÃO DE ESCOLAS

Natália Costa, Agrupamento de Escolas D. Dinis, nataliacosta.costa6@gmail.com



Resumo

A autoavaliação tem como objetivo primordial a melhoria da organização “escola”, ou seja, a avaliação de uma instituição, enquanto sistema gerado por numerosas estruturas e relações, diferentes atores e valores, requer que esta se coloque em questão, num processo social que tenha como objetivo a construção de juízos de valor sobre as suas atividades e a instrução de processos mais adequados e apropriados para a amplificação da qualidade (Sobrinho, 2003). Pretende-se que a autoavaliação seja contínua e partilhada, isto é, que tudo que compõem e está ligado à escola seja alvo de análise e reflexão coletiva. A prática de autoavaliação deve constituir-se, em última análise, como uma rotina que permitirá um olhar atento para o interior da escola. É neste contexto de partilha que se insere a presente comunicação que versa sobre o trabalho desenvolvido pela equipa de autoavaliação de um agrupamento de escolas do Norte do país e a coexistência de dois processos paralelos de avaliação interna (autoavaliação/EQAVET).

Nota biográfica

Licenciada em Ensino – Variante de Português/Inglês. Detém uma Pós-Graduação em Administração e Gestão Escolar. Possui um Mestrado e um Doutoramento em Desenvolvimento Curricular pela Universidade do Minho. Integrou a equipa de trabalho do primeiro projeto de investigação “Avaliação Externa de Escolas no Ensino Não Superior” coordenado pela Universidade do Minho. Integra a equipa de trabalho do projeto de investigação “Mecanismos de mudança nas escolas e na inspeção. Um estudo sobre o 3.º ciclo de Avaliação Externa das Escolas no Ensino não Superior, em Portugal (MAEE)”. É membro da equipa de trabalho do Observatório de Autoavaliação da Universidade do Minho. Foi coordenadora da equipa de autoavaliação e da equipa EQAVET de um agrupamento de escolas da zona Norte.



Resumo

Os processos de avaliação de escolas configuram instrumentos essenciais para a melhoria da qualidade da prestação de serviço educativo e dos processos de ensino e de aprendizagem. A implementação de um processo de autoavaliação da escola permite conhecer como a escola procede à prestação do serviço educativo para obter os resultados que irão possibilitar a todos e a cada um dos alunos alcançarem o perfil desenhado para o fim da escolaridade obrigatória e, deste modo, adquirirem um nível de educação e formação facilitador da sua plena inclusão. Os resultados da avaliação oferecem à escola e aos seus atores uma oportunidade para refletirem sobre as suas ações e sobre a própria escola, permitindo identificar o que se faz bem e o que precisa de melhorar. A finalidade da avaliação de escolas é a melhoria contínua das práticas educativas levadas a cabo pelas escolas, nesse sentido o processo de autoavaliação da escola deve ser entendido como um instrumento que contribui para a mudança e inovação ao nível do “núcleo técnico da educação”, ou seja, a sala de aula. O nosso objetivo nesta comunicação será descrever de forma sintética a tarefa de planeamento e desenvolvimento da autoavaliação na ESPAB, atendendo à necessidade de confluência entre a especificidade do seu projeto educativo, as perspetivas dos seus *stakeholders* e as linhas orientadoras das políticas educativas atuais. Propomo-nos primeiro abordar o quadro de referência do processo de autoavaliação, dando destaque às áreas e dimensões da ação da escola a avaliar – o objeto da avaliação –, bem como aos respetivos indicadores e às questões a que se pretende dar resposta no final do processo avaliativo. No final, interrogar-nos-emos sobre os desafios que se colocam ao desenvolvimento de uma cultura de avaliação na escola.

“A INSPEÇÃO NA AVALIAÇÃO EXTERNA: PORQUE SIM!... SE...”

Jorge Bernardino Sarmiento Morais, Ministério da Educação, jorge.morais@medu.gov.pt

Resumo

Recupero aqui a ideia de um ponto de vista, enquanto vista a partir de um ponto, começando por identificar os 6 pontos onde me coloco:

1. Importa sempre recordar que a avaliação externa das escolas assenta nos princípios da autonomia e da liberdade.
2. É neste contexto que a avaliação externa das escolas apresenta grandes potencialidades na melhoria das práticas escolares que conduzem à melhoria das aprendizagens de todos os alunos;
3. O carácter integrador da avaliação externa das escolas torna-a mais complexa, mais abrangente e, também por isso, deveras exigente enquanto produtora de conhecimento sobre as diferentes dimensões de atuação da escola.
4. Uma das exigências decorre do perfil e desempenho dos avaliadores, cuja legitimação terá de estar sustentada em competências várias que ultrapassam a simples legitimidade normativa.
5. Neste sentido importa identificar os riscos de distorções que se colocam aos avaliadores e enunciar algumas medidas e processos de legitimação dos avaliadores e da própria avaliação externa, garantindo-lhe, também por aí, uma maior eficácia.
6. O perfil e o papel dos avaliadores são áreas de investigação e de estudo ainda por explorar, certamente difíceis e controversas, mas com importantes contributos para aumentar a eficácia da avaliação externa.

Nota biográfica

Doutor em Educação na especialidade de Administração e Política Educacional pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

É inspetor. Foi professor, assessor e Diretor Geral de Recursos Humanos da Educação.

É Chefe do Gabinete do Secretário de Estado Adjunto e da Educação.

APRESENTAÇÃO DE ALGUNS RESULTADOS DO PROJETO MAEE

Resumo

Nesta Mesa Redonda são apresentados os resultados de quatro estudos desenvolvidos pelas diferentes equipas que integram o projeto Mecanismos de mudança nas escolas e na inspeção. Um estudo sobre o 3.º ciclo de Avaliação Externa de Escolas no Ensino Não Superior, em Portugal (MAEE).

AVALIAÇÃO EXTERNA EM TEMPOS DE PANDEMIA

José Augusto Pacheco, Universidade do Minho, jpacheco@ie.uminho.pt



PONTOS FORTES E ÁREAS DE MELHORIA DA AUTOAVALIAÇÃO DAS ESCOLAS. UM OLHAR A PARTIR DOS RELATÓRIOS DE AVALIAÇÃO EXTERNA

Isabel Fialho, Universidade de Évora, ifialho@uevora.pt



ANÁLISE DO DESEMPENHO DAS ESCOLAS E OPINIÕES DE PROFESSORES NO DECORRER DO 3.º CICLO AVALIATIVO.

Carlos Barreira, Universidade de Coimbra, cabarreira@fpce.uc.pt



Nota biográfica

É professor na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (Portugal). Possui a licenciatura em Psicologia e o doutoramento em Ciências da Educação na especialidade de Formação de Professores. Desenvolve atividade de investigação e ensino em diferentes unidades curriculares nos cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento essencialmente no domínio da avaliação educacional. Tem participado, como perito, no programa de Avaliação Externa de Escolas e em diferentes projetos financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Atualmente é membro integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra e autor ou coautor de diversas publicações no âmbito da avaliação dos alunos, supervisão pedagógica e desempenho docente e avaliação de escolas. Coordena a equipa da Universidade de Coimbra do projeto MAEE.

ENTREVISTAS A AVALIADORES EXTERNOS: UMA LEITURA PRELIMINAR

Filipa Seabra, Universidade Aberta, filipa.seabra@uab.pt



Nota biográfica

É doutorada em Ciências da Educação, é Professora Auxiliar da Universidade Aberta. É doutorada em Ciências da Educação, na área do Desenvolvimento Curricular, pela Universidade do Minho, Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Católica Portuguesa e Licenciada em Psicologia pela Universidade do Minho. É elemento integrado do Laboratório de Educação e Ensino a Distância da Universidade Aberta e colabora com o CIEEd (UMinho) e com o CIPeM/INET-Md. Coordena a equipa da Universidade Aberta do projeto MAEE e é coordenadora do Mestrado em Supervisão Pedagógica da Universidade Aberta. Os seus interesses de investigação integram o currículo, a avaliação, a supervisão e formação de professores. Foi perita externa à Inspeção Geral de Educação e Ciência no âmbito da Avaliação Externa de Escolas durante 2 anos.

A MINHA ESCOLA É INCLUSIVA?

Luís Nunes Capela, Inspeção-Geral da Educação e Ciência, luis.capela@igec.mec.pt

Nota biográfica

Inspetor da Inspeção-Geral da Educação e Ciência, Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Desempenha *funções inspetivas (desde setembro de 2000 até ao presente)*, Chefe da Delegação Portuguesa nas Escolas Europeias, desde setembro de 2012. *Desempenhou funções docentes (anos letivos de 1989/1990 a 1999/2000)* e os seguintes cargos: Presidente do Conselho Executivo, Presidente do Conselho Diretivo, Presidente do Conselho Pedagógico, Presidente do Conselho Administrativo, Diretor de Turma, Membro da Comissão Pedagógica do Centro de Formação de Professores da Arrábida e Coordenador dos Cursos Noturnos. Membro da equipa de coordenação nacional estabelecida pelo Despacho n.º 5908/2017, que autoriza o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular dos ensinos básico e secundário e, desde outubro de 2018, membro da equipa de coordenação nacional criada pelo Despacho n.º 9726/2018, com a missão de acompanhar, monitorizar e avaliar a aplicação do Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, bem como do Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho. Formador/orador em ações de formação, seminários e conferências sobre diversos temas educativos.



**SINERGIAS ENTRE
AUTOAVALIAÇÃO E
AVALIAÇÃO EXTERNA DE
ESCOLAS**

*IV Seminário MAEE e II
Seminário Internacional
Mecanismos de Mudança
nas Escolas e na
Inspeção*

COMUNICAÇÕES



AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS TÉCNICAS E PROFISSIONAIS: INOVAÇÕES EDUCACIONAIS

Amílcar Peres dos Santos, Universidade do Minho, amillcar@gmail.com
José Augusto Pacheco, Universidade do Minho, jpacheco@ie.uminho.pt
Vicente Aguiar Parreiras, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais,
vicentearchives@gmail.com

Resumo

A presente reflexão parte das mudanças ocorridas ao longo da pandemia de Covid-19 e seus impactos no terceiro ciclo da Avaliação Externa das Escolas da Inspeção-Geral da Educação e Ciência (IGEC), com especial foco nas escolas técnicas e profissionais. O objetivo é discutir a literacia digital para ensino de língua materna, com suporte no quadro de referência da IGEC, nomeadamente no domínio da Prestação do serviço educativo, e nos referentes: inovação curricular e pedagógica e articulação curricular. O referido quadro é o parâmetro para análise de escolas com características semelhantes, em Portugal e no Brasil. Esta pesquisa faz parte de uma investigação¹ que compara tais formações, nos dois países, com o grau de literacia digital e multimodalidade discursiva (Dionísio, 2007; Kress, 2010; Rojo e Moura, 2012) para ensino de língua materna. Além disso, buscou-se analisar como a autoavaliação e a avaliação externa de escolas conseguiram articular-se para dar apoio ao processo de ensino remoto. Para dar suporte a essa análise, buscou-se amparo nos estudos sobre avaliação institucional (Pacheco, 2014; Fernandes, 2014), inovação e currículo (Silva, 2016; Pacheco, 2019; Morgado, 2019), com o intuito de averiguar e compreender de que modo as escolas percebem e gerem esses saberes, sobretudo em relação aos estudantes adolescentes.

Palavras-chave: Avaliação externa das escolas; Avaliação institucional; Literacia digital; Inovação curricular.

¹ Essa proposta alinhada com as orientações para a Avaliação Externa de Escolas. Ela faz parte do projeto PTDC/CED-EDG/30410/2017 – Mecanismos de mudança nas escolas e na inspeção. Um estudo sobre o 3.º ciclo de Avaliação Externa de Escolas no Ensino Não Superior, em Portugal (MAEE) – promovido pela (FCT) e com parceria interinstitucional das Universidades do Minho, de Coimbra, de Évora e Universidade Aberta, além do brasileiro INFORTEC – Núcleo de Pesquisa em Linguagem e Tecnologia, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

ALTERAÇÕES GERADAS PELA AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESCOLAS – ESTUDO DE CASO

Ana Tomás, Universidade Aberta, anatomas4@hotmail.com
Susana Henriques, Universidade Aberta, Susana.Henriques@uab.pt
Marta Abelha, Universidade Aberta, abelhamarta@gmail.com

Resumo

Avaliar a organização escola é um procedimento relativamente recente, que procura garantir a qualidade de todo o sistema educativo capacitando-o para dar resposta a uma sociedade em constante transformação. A presente comunicação integra-se no mestrado em Administração e Gestão Educacional da Universidade Aberta, sendo uma investigação que está no início, centra-se no plano da investigação e respetivo modelo de análise. A Avaliação Externa de Escolas (AEE) pode ser um mecanismo que fomenta a melhoria das escolas, não só ao nível da melhoria organizacional, mas também como instigadora de uma reflexão acerca das metodologias trabalhadas em prol do sucesso educativo dos alunos. Assim, tornou-se premente conhecer e compreender os relatórios produzidos pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência (IGEC) nos dois ciclos de AEE no agrupamento de escolas X, e posteriormente aferir que alterações foram geradas nesse agrupamento como resposta aos referidos relatórios. Será assumido, como objeto de estudo, os relatórios de avaliação externa relativos ao 1.º e 2.º ciclos de AEE, elaborados pelas equipas da IGEC, sobre o agrupamento de escolas X. Como objetivo geral foi estabelecido: analisar que alterações geraram no agrupamento de escolas X os relatórios de avaliação externa produzidos pela IGEC. Na investigação qualitativa em curso, a opção metodológica consiste num estudo de caso que procura particularidades da entidade em estudo. O ponto de partida desta investigação será a análise documental aos relatórios de AEE elaborados pela IGEC e de alguns documentos estruturantes do agrupamento tais como projeto educativo, relatórios de avaliação interna e atas de conselho pedagógico. Após essa análise pretende-se realizar as entrevistas semiestruturadas com o propósito de analisar as perspetivas de alguns sujeitos em relação ao conhecimento, envolvimento e atuação face às classificações obtidas nos relatórios analisados. Este estudo de caso irá debruçar-se sobre os procedimentos de AEE e conhecer as suas implicações no agrupamento investigado, o que em nosso entendimento, constitui-se como promotor de uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido após os dois primeiros ciclos de AEE e preparando-o para o terceiro ciclo de AEE. Esta análise poderá ser ainda um contributo para eventuais readaptações do modelo para o próximo ciclo de AEE.

Palavras-chave: Avaliação externa de escolas; Alterações; Relatórios.

A INSPEÇÃO E A PRÁXIS NA AVALIAÇÃO EXTERNA: PERCEÇÕES DOS DIRETORES

Arlete Nogueira, Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, ajesusn@ua.pt

Resumo

A Inspeção da Educação é um dos serviços centrais da administração direta do Estado português que tem como missão e funções o garante de um bem público – a educação –, assegurar a legalidade e regularidade dos atos praticados pelos órgãos, serviços e organismos do sistema educativo. Assim, tomando as escolas como elemento nuclear da prestação do serviço público de educação, a Inspeção faz destas o lugar privilegiado para a concretização das atividades que planeia anualmente. Neste quadro, esta comunicação reporta-se a uma Tese de Doutoramento, desenvolvida na Universidade de Aveiro (2019), intitulada “A Inspeção da Educação em Portugal: um estudo com base nas perceções de diretores de escolas públicas”, com o objetivo de conhecer e compreender as perceções dos diretores sobre o papel deste serviço central no sistema de ensino não superior. O estudo, de natureza descritiva, foi operacionalizado através da aplicação de um inquérito por questionário e respondido por 111 diretores do território de Portugal Continental. Nesse âmbito, esta apresentação pretende disseminar alguns dos resultados, estes subjacentes às perceções dos diretores sobre a práxis da Inspeção (leia-se a prática da ação inspetiva), na Avaliação Externa das escolas (AEE), no sentido de contribuir para uma reflexão por parte dos atores que, direta ou indiretamente, definem e estruturam novos perfis na e para a administração educacional. Para tal, de entre os principais resultados, lidos na vertente em análise, as perceções dos diretores circunscrevem, preferencialmente, a práxis da Inspeção, na AEE, ao quadro de um serviço central de fiscalização e de verificação da conformidade normativa, secundarizando as suas funções em aspetos inerentes à prática pedagógica dos docentes. Se atentos, estes resultados, as perceções dos diretores parecem questionar a práxis inspetiva na AEE. Porém, esta visão pode ser interpretada sob a ótica formal, isto é, legislativa, pois a autonomia das escolas tem vindo a conferir significativas alterações ao nível das competências dos seus agentes mais diretos – os diretores –, permitindo-lhes assumir dinâmicas específicas e inovadoras, um contexto que a Inspeção aparenta ignorar. Reconheça-se que este serviço central, à luz do discurso político-normativo, permanece refém das diferentes tutelas governativas que os regimes políticos democráticos vão impondo.

Palavras-chave: Inspeção; Avaliação externa; Diretores.

AUTOAVALIAÇÃO DAS ESCOLAS DE ENSINO ARTÍSTICO: PERCEÇÕES E ATITUDES DOS PROFESSORES

Catarina Amorim, Universidade de Coimbra, kataryna_3@hotmail.com
Maria da Graça Bidarra, Universidade de Coimbra, gbidarra@fpce.uc.pt
Carlos Barreira, Universidade de Coimbra, cabarreira@fpce.uc.pt

Resumo

Apresentamos os dados de um estudo realizado com professores de escolas de Ensino Artístico, que tinha como objetivo conhecer as atitudes e perceções dos professores relativamente aos processos de autoavaliação das escolas de Ensino Artístico, atendendo a que estas escolas, na sua maioria, privadas, não têm sido contempladas pela Avaliação Externa de Escolas, vindo a sê-lo no 3.º ciclo AEE. Recorremos à metodologia de inquérito por questionário, em versão *online*, dirigido aos professores das escolas de Ensino Artístico, que incluiu a caracterização socioprofissional dos professores, a perceção e as atitudes dos professores sobre o processo de autoavaliação. Enviamos o inquérito para 159 escolas de Ensino Artístico (148 ensino particular e cooperativo e 11 ensino público) onde solicitámos a colaboração dos professores da escola. Obtivemos 562 respostas: 287 professores de escolas de ensino público e 275 professores de escolas de ensino particular e cooperativo. Com a análise dos resultados, verificámos que a maioria dos inquiridos refere que a sua escola tem um processo de autoavaliação implementado, concordando com o facto de este proporcionar um conhecimento alargado sobre a escola e contribuir para a equidade e justiça escolar, bem como para otimizar a gestão de recursos humanos e materiais e o trabalho colaborativo entre os professores. Os professores consideraram que o processo de autoavaliação promove estratégias de apoio à reflexão e tomada de consciência da escola que contribuem para uma visão atualizada e crítica sobre o seu funcionamento e desempenho com vista à melhoria das práticas educativas e dos resultados escolares. Contudo, cerca de metade dos professores entende o processo de autoavaliação como algo imposto e burocrático, sentindo-se ainda pouco envolvidos. Registam-se algumas diferenças entre as opiniões dos professores das escolas públicas e de ensino particular e cooperativo, a que não será alheio o facto de a maioria das escolas de ensino particular e cooperativo, aquando da aplicação do questionário, não ter sido alvo do processo de AEE levado a cabo pela IGEC. Estes dados apontam para uma atitude mais crítica por parte dos professores das escolas públicas, podendo ser indicadores de eventuais diferenças em termos de culturas de avaliação e de escolas.

Palavras-chave: Perceções dos professores; Autoavaliação de Escolas; Ensino Artístico.

AVALIAÇÃO EXTERNA E AUTOAVALIAÇÃO DA ESCOLA: A INEVITÁVEL SIMBIOSE

Conceição Lamela, Universidade do Minho, conceicalamela@gmail.com
José Carlos Morgado, Universidade do Minho, jmorgado@ie.uminho.pt

Resumo

Esta comunicação tem como propósito partilhar os resultados de um projeto de investigação desenvolvido no âmbito da avaliação de escolas, cujo processo assenta na complementaridade entre a autoavaliação e a avaliação externa. Sendo incontornável a relevância atribuída à avaliação como fator de regulação dos processos de ensino-aprendizagem, do desenvolvimento profissional dos docentes e do próprio funcionamento das instituições escolares, as políticas educativas têm dado especial relevância a essa dimensão. No que concerne à avaliação das escolas, e corroborando o plasmado no normativo supracitado, é consensual que a mesma só será potenciadora de uma efetiva melhoria institucional se incorporar os contributos da autoavaliação e da avaliação externa. Estando em curso o terceiro ciclo de avaliação externa das escolas, onde a autoavaliação surge como domínio autónomo, pretendemos compreender os contributos propiciados pela autoavaliação no contexto da avaliação institucional e sua relação com a avaliação externa. Neste recorte do projeto de investigação que referimos, focar-nos-emos na visão dos diretores de escolas, tendo, para tal, realizado entrevistas a diretores de dois agrupamentos de escolas da Região Norte do país, intervencionados no terceiro ciclo de avaliação, com um contexto organizacional semelhante (dimensão), mas com resultados distintos no terceiro ciclo de avaliação (no domínio da autoavaliação). Trata-se, portanto, de um estudo de natureza qualitativa, suportado em entrevistas semiestruturadas, em termos de técnica de recolha de dados. Da análise realizada, destaca-se: a importância reconhecida ao processo de autoavaliação, por viabilizar o autoconhecimento e estimular a autorreflexão; a influência da avaliação externa na indução de práticas de autoavaliação; e a ainda incipiente sustentabilidade e sistematicidade da autoavaliação. Neste contexto, torna-se evidente que as duas modalidades de avaliação referidas não devem funcionar numa lógica competitiva, em que uma pretende sobrepor-se à outra, podendo inclusive resvalar para tendências predatórias, nem numa lógica de "parasitismo", onde uma se subalterniza e desvirtua perante a outra. Concluindo, defendemos que a avaliação da escola deve processar-se na base de uma lógica de cooperação. Mas a afirmação *dessa lógica dependerá sempre da relação entre a autoavaliação e a avaliação externa e da forma como os atores, individual ou coletivamente, idealizam esses processos na sua escola.

Palavras-chave: Autoavaliação; Avaliação externa; Qualidade; Melhoria.

QUINZE ANOS AO SERVIÇO DA MELHORIA: EFEITOS E DESAFIOS DA AUTOAVALIAÇÃO NAS ESCOLAS PORTUGUESAS

Eduarda Rodrigues, Universidade do Minho, lo.eduarda@gmail.com

Resumo

Até à data das primeiras visitas oficiais conduzidas pela Inspeção-Geral de Educação e Ciência (IGEC), as práticas de Autoavaliação de Escolas (AE) eram registadas quase exclusivamente em organizações privadas e, ainda assim, com características informais e não sistematizadas. Com a oficialização da Avaliação Externa de Escolas (AEE) foi examinada pela primeira vez a capacidade de autorregulação e melhoria de cada escola, ficando a descoberto o domínio onde se concentravam as maiores fragilidades das organizações avaliadas. Consequentemente, não é de admirar que a Autoavaliação se tornasse o grande desafio das escolas e o aspeto mais visível da AEE. Desde então um longo caminho foi percorrido e os efeitos tornaram-se (quase) imediatamente visíveis, pois, apesar de todas as dificuldades, dúvidas e faltas de apoio, foram as equipas de autoavaliação que mais contribuíram para a construção da identidade dos agrupamentos, para a edificação dos seus objetivos e metas e para a definição de projetos, espaços e recursos comuns aos agrupamentos. O reconhecido mérito da autoavaliação tornou-a alvo de vários estudos científicos que pretendem esclarecer as mais variadas questões que vão desde o modo como se organizaram as equipas, aos efeitos produzidos pela sua ação. Mas será que a autoavaliação é já uma prática arraigada das escolas ou continuará dependente e servil da AEE e consequentemente montada para responder às inspeções periódicas da IGEC? Uma análise qualitativa a 57 estudos científicos publicados nos Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP) e conduzidos entre 2006 e 2020 confirma que as equipas de autoavaliação criadas tendem a traçar um diagnóstico da organização, analisando os pontos fortes e áreas a melhorar apontadas pela AEE, recolhendo dados de forma sistemática para posteriormente fazer chegar os resultados a todos os interessados, nomeadamente às equipas inspetivas. Contudo, expõem a falta de apoio e orientação sentida que vem sendo colmatada com o recurso a modelos externos como o CAF, PAR ou Observatórios universitários, que ampararam as equipas com formação, metodologias e procedimentos que sustentam as suas práticas autoavaliativas.

Palavras-chave: Autoavaliação de escolas; Avaliação externa de escolas; Inspeção-Geral e Educação e Ciência.

(AD)MINISTRAR O CURRÍCULO SOB A ÉGIDE DA AVALIAÇÃO EXTERNA

Eliane Moreira Marques, Universidade Aberta, moreira.eliane@gmail.com

Filipa Seabra, Universidade Aberta, filipa.seabra@uab.pt

Resumo

Na presente comunicação procura-se conciliar dois eixos temáticos que associam políticas educativas de conceção centralizada dos *currricula* e implementação da sua avaliação através de mecanismos externos como a avaliação externa das escolas, os exames nacionais ou a participação de alunos portugueses em estudos internacionais. Assim, objetiva-se a compreensão do impacto de mecanismos de avaliação externa como os mencionados anteriormente na gestão curricular ao nível micro. Para tal, propõe-se a metodologia de pesquisa e de análise bibliográfica, versando temáticas como: (i) o desenvolvimento curricular, onde se perspetiva o currículo como um processo aberto e em permanente devir, um projeto contextualizado fruto de uma construção coletiva das comunidades educativas; (ii) os mecanismos de avaliação externa como os exames nacionais ou a participação de Portugal em estudos internacionais como o PISA; (iii) e, ante isso, o grau de autonomia de que os professores dispõem para gerir o currículo. Conclui-se que a problemática em que se insere este artigo reporta às contradições presentes em todas as fases do desenvolvimento curricular, desde a sua conceção até à avaliação, bem como a uma inegável hegemonia do Estado em matéria de decisão curricular.

Palavras-chave: Desenvolvimento curricular; Autonomia; Professor; Resultados; Avaliação.

PERFIL DO ALUNO E CIDADANIA: LEITURAS DA AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS

Maria Helena Álvaro, Universidade Aberta, alvaro.helena@gmail.com
Filipa Seabra, Universidade Aberta, filipa.seabra@uab.pt

Resumo

Esta investigação tem como objetivo conhecer como se posiciona o 3.º ciclo de Avaliação Externa das Escolas (AEE) perante o Perfil do Aluno (PA) e a Área de Cidadania e Desenvolvimento no contexto do currículo do ensino secundário. O estudo é circunscrito a quatro escolas, selecionadas tendo como base os Relatórios do 3.º ciclo da AEE, do ano 2019/2020, pela relevância que têm na regulação do trabalho curricular e no desenvolvimento das Escolas. Partindo do seu quadro de referência e dos quatro domínios em que se estrutura é pertinente recorrer às apreciações dos respetivos Relatórios como critério para apurar os que apresentam referências explicitamente positivas ao trabalho que desenvolvem com vista à prossecução do PA, bem como à articulação curricular que estabelecem com a Cidadania em coerência com os seus documentos internos. A investigação tem uma natureza qualitativa com base na análise documental e de conteúdo, tendo como fontes os Relatórios do 3.º ciclo da AEE. A categorização que serviu de suporte à análise realizada assentou nos domínios da AEE (autoavaliação, liderança e gestão, prestação do serviço educativo e resultados) e nos conceitos de PA; Cidadania; Autonomia e Flexibilidade Curricular e Aprendizagens Essenciais. A análise considerou quatro tipos de resultados: pontos fortes, área de melhoria, avaliação favorável e desfavorável. Dos resultados apurados podemos concluir que nos documentos internos, apesar de existir referência a intencionalidade, ainda carece de desenvolvimento a operacionalização de práticas pedagógicas no que respeita ao PA.

Palavras-chave: Avaliação externa de escolas; Perfil do aluno; Cidadania; Flexibilidade curricular; Aprendizagens essenciais.

“CONVERGÊNCIAS ENTRE O QUADRO DE REFERÊNCIA DA AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS E OS NORMATIVOS”¹

Marília A. Machado Dias, Agrupamento de Escolas Silves Sul, Silves, mariliamd@gmail.com
Isabel Fialho, Universidade de Évora, ifialho@uevora.pt

Resumo

Com este trabalho procurou-se analisar a convergência entre as atuais orientações de política educativa e o Quadro de Referência (QR) da Avaliação Externa das Escolas (AEE). O objetivo que norteou o estudo foi: identificar pontos de convergência entre o QR do 3.º ciclo de AEE e as políticas educativas em vigor, nomeadamente no que respeita à Autonomia e Flexibilidade Curricular (AFC). Para tal efetuou-se uma análise comparativa do QR da AEE com os normativos legais em vigor, recorrendo a uma análise de conteúdo dos documentos com recurso ao *software* de análise qualitativa NVivo. Considerou-se pertinente a existência de uma reflexão que permitisse efetuar uma comparação no que respeita aos campos de análise, referentes e indicadores que operacionalizam os quatro domínios: i) Autoavaliação; ii) Liderança e gestão; iii) Prestação do serviço educativo; iv) Resultados. Apresentou-se, sumariamente, o quadro teórico e legislativo, discutindo-se as convergências e projetando-se um eventual reajustamento. Pretendeu-se com este documento ajudar a refletir sobre a adequação do processo de avaliação externa das escolas às políticas educativas atuais, de modo a promover uma melhoria neste processo por parte de quem apresenta os resultados (agrupamentos/escolas) e também de quem os analisa (equipa IGEC/Peritos Externos), apontando caminhos para o modo como ambas as partes poderão usufruir da avaliação como instrumento central de definição das políticas de ação e melhoria, de modo a atingir os objetivos a que se propõem, com níveis elevados de sucesso.

Palavras-chave: Autonomia e flexibilidade curricular; Quadro de referência; Avaliação externa das escolas; Política educativa; Normativos.

¹ Este trabalho está inserido no projeto de investigação financiado pela FCT: “Mecanismos de mudança nas escolas e na Inspeção. Um estudo sobre o 3.º ciclo da Avaliação Externa de Escolas no ensino superior em Portugal” (PTDC/CED-EDG/30410/2017).

AValiação EXTERNA DE ESCOLAS DO INTERIOR DE PORTUGAL: UM PLANO DE INVESTIGAÇÃO

Paula Martins, Universidade Aberta, pcrmart@aeas.pt
Filipa Seabra, Universidade Aberta, filipa.seabra@uab.pt

Resumo

Apresentamos um plano de dissertação de natureza qualitativa, tendo como objeto a avaliação educacional, nomeadamente a AEE em alguns Agrupamentos de Escolas (AE) e/ou Escolas Não Agrupadas do interior do país, porque, e apesar da tentativa na mudança de paradigma das políticas nacionais e regionais, verifica-se que não existe um *equilíbrio territorial*, sendo que as assimetrias ainda são evidentes entre um litoral e um interior. Assim, tentar-se-á verificar em que medida os 3 ciclos de Avaliação Externa de Escolas (AEE) de AE sujeitos a *Planos de Acompanhamento e de Melhoria* poderão ter tido impactos, na perspetiva dos atores e expressas em documentos. Pretende-se, assim, aferir das perspetivas e entraves à melhoria, perceber quais as barreiras que não permitem melhores resultados, partindo-se de duas questões de investigação: a) O que caracteriza os agrupamentos de escolas do interior do País cujas áreas de melhoria ao longo dos 3 ciclos de AEE se mantiveram inalteradas?; e b) Quais as barreiras (internas ou externas?) manifestas nos documentos internos e percebidas pelos atores escolares, dificultam que a AEE impulsione as melhorias esperadas nas áreas de melhoria assinaladas? Para dar uma resposta consentânea a estas questões, foram definidos quatro objetivos de investigação: 1) identificar AE do interior do país que, ao longo dos 3 ciclos de AEE, mantiveram áreas de melhoria inalteradas; 2) conhecer as perspetivas de atores escolares e documentos sobre as alterações que surgiram nas escolas/Agrupamentos, em consequência do processo de AEE; 3) identificar eventuais padrões de características transversais a vários AE; e, 4) conhecer as perspetivas de atores escolares sobre as barreiras à melhoria. Estes 4 objetivos serão prosseguidos através da realização de entrevistas individuais e em *focus group* a vários intervenientes da comunidade escolar e da análise de conteúdo de relatórios da AEE e documentos internos. Espera-se “conhecer” os entraves e também contribuir para uma mudança da forma de “pensar” a escola, sobretudo como uma organização aprendente e autorreflexiva, onde exista um bem-estar coletivo que influencie, de forma positiva, o meio social envolvente.

Palavras-chave: Avaliação externa de escolas; Qualidade da educação; Áreas de melhorias; Entraves à melhoria; Interioridade.

CONTRIBUTOS DA AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS NA IDENTIFICAÇÃO DE NECESSIDADES DE FORMAÇÃO¹

Rita Marques, Universidade de Évora, ritasar.marques@gmail.com
Isabel Fialho, Universidade de Évora, ifialho@uevora.pt

Resumo

A Avaliação Externa das Escolas (AEE) opera com um quadro de referência organizado em domínios, campos de análise, referentes e indicadores, que permitem recolher informação sobre a organização, o funcionamento e os resultados alcançados pelas escolas/agrupamentos. Os relatórios da AEE contêm informação relevante que permite um amplo conhecimento sobre as escolas, designadamente, os seus pontos fortes e áreas de melhoria, constituindo uma mais-valia na identificação de necessidades de formação e na elaboração de planos de formação. Foi com base neste enquadramento que partimos para uma investigação com o propósito de estudar a ligação entre o processo de AEE e os planos de formação dos Centros de Formação de Associação de Escolas (CFAE), procurando responder à seguinte questão: *Em que medida os planos de formação dos CFAE respondem às necessidades de formação que emergem do processo de AEE?* A partir desta questão definimos diversos objetivos que guiam o processo de investigação, dos quais selecionámos apenas um, para esta apresentação – identificar as necessidades de formação das escolas avaliadas nos anos letivos de 2018/2019 ou 2019/2020, tendo por base os relatórios da AEE. Assim, começámos por fazer a análise do quadro de referência da AEE, para identificação dos elementos que permitem obter informação sobre as necessidades de formação dos recursos humanos das escolas. Foram analisados os relatórios das 68 escolas/agrupamentos avaliadas pela Inspeção-Geral da Educação e Ciência (IGEC), no âmbito do terceiro ciclo de AEE, nos anos letivos de 2018/2019 e 2019/2020. Recorremos à análise de conteúdo para organizar a informação relacionada com as necessidades de formação e com a intervenção e dinâmicas dos próprios CFAE no processo de avaliação. Os principais resultados revelam que algumas escolas identificam as necessidades de formação e estabelecem prioridades, mas a maioria anda não o faz. Um número reduzido de relatórios destaca positivamente a articulação entre a escola/agrupamento e o CFAE. Conclui-se que os relatórios de AEE fornecem informação pertinente sobre o trabalho que está a ser desenvolvido e sobre os aspetos que carecem de investimento, no âmbito da formação contínua do pessoal docente e não docente, e que uma maior articulação entre as escolas/agrupamentos e os CFAE, podem potenciar a elaboração de planos de formação que respondam às reais necessidades identificadas.

Palavras-chave: Centro de Formação e Associação de Escolas; Quadro de referência; Necessidades de formação; Plano de formação.

¹ Este trabalho está inserido no projeto de investigação financiado pela FCT: “Mecanismos de mudança nas escolas e na Inspeção. Um estudo sobre o 3.º ciclo da Avaliação Externa de Escolas no ensino superior em Portugal” (PTDC/CED-EDG/30410/2017).

A AUTOAVALIAÇÃO NA AVALIAÇÃO EXTERNA DAS ESCOLAS: FUNÇÃO FORMATIVA

Sofia Rodrigues, Universidade do Minho, rodrisofia@hotmail.com
Ila Beatriz Maia, Universidade do Minho, ib.maia@hotmail.com

Resumo

As atuais políticas nacionais de educação, alinhadas com as orientações transnacionais de referência, realçam a necessidade de reconfiguração da escola, com o objetivo de apoiar a melhoria das aprendizagens dos alunos e o sucesso escolar. Algumas destas mudanças são preconizadas no campo da Avaliação, o qual se assume com um papel central ao nível do desenvolvimento do currículo, nomeadamente, na mudança e melhoria de práticas curriculares e ao nível do funcionamento da própria escola. A avaliação das escolas do ensino não superior (AEENS) tem como propósito contribuir para a melhoria da qualidade do ensino e das aprendizagens, promovendo a inclusão de todas as crianças e jovens. Em Portugal, a AEENS estrutura-se através dos processos de autoavaliação e de avaliação externa (Lei n.º 31/2002) e para a sua concretização é implementado, desde 2006, o processo de Avaliação Externa de Escolas (AEE). A AEE constitui-se como tema central do presente estudo, particularmente ao nível do seu 3.º ciclo, com foco no domínio da Autoavaliação. Este estudo tem como objetivo identificar o caráter formativo dos relatórios da AEE, no domínio da Autoavaliação, verificando se os relatórios de AEE apresentam um caráter qualitativo, formativo e globalizante da avaliação, focado nas estratégias e práticas de melhoria contínua do trabalho das escolas. Em termos metodológicos, o estudo é de natureza mista, tendo sido realizada uma análise do referencial do 3.º ciclo de AEE e dos relatórios de AEE das escolas avaliadas até ao momento, na área territorial Norte da IGEC (n=21). Os dados foram analisados através de procedimentos estatísticos e da análise de conteúdo. Os resultados indicam que o caráter formativo da AEE é ainda incipiente, verificando-se, maioritariamente, uma tendência descritiva e padronizada nos relatórios. Neste sentido, impera que os relatórios da AEE espelhem o caráter formativo e construtivo apresentado no seu referencial.

Palavras-chave: Autoavaliação; Avaliação externa das escolas; Avaliação formativa.

maee

